

As várias fases da obra de Malangatana (I)

**Apesar de ser
um principiante
já é um dos primeiros
pintores de África**

● **Afirmou «Pancho» em 1961**

No próximo dia 6 de Junho a Exposição-Retrospectiva de Malangatana terá a sua inauguração.

Artista multifacetado a sua obra estende-se por vários «meios» plásticos.

Assim o desenho e a acrílica, o óleo e a aguarela, a gravura e a cerâmica, a tapeçaria e a escultura em ferro, as ilustrações e as gráficas, são «águas em que ele tem nadado».

E, nessas suas abordagens — em que uma maior valorização tem sido por ele dada ao óleo e ao desenho — podem-se distinguir fases distintas no seu trabalho.

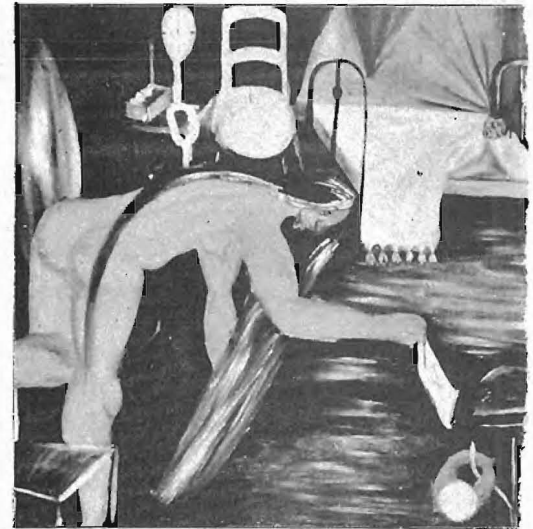
De acordo com as declarações feitas à Informação, a Retrospectiva está a ser organizada baseada nessas diversas fases — a exposição será apresentada ao público com as diferentes fases bem separadas para que a sua leitura nos possa fazer aperceber da diversidade da obra de Malangatana mas uma diversidade sempre assente

numa mesma realidade: o enraizamento permanente nas bases culturais do seu povo.

Para essa leitura destrinchando etapas, era necessário procurar os marcos que as assinalassem.

Também eles foram apontados.

Desse modo temos o período de 1959 a 1961, período que reúne as primeiras obras do artista até à sua primeira exposição individual. De 61 a 64, entre a sua primeira «individual» e a sua prisão pela PIDE. 1964 e 1965, o seu tempo nas celas da PIDE. Da sua saída da cadeia (1965) até à primeira saída do país e ida à Europa (1971). A sua estada em Lisboa e noutras localidades da Europa (1971-73). 1973 e 1974 é a passagem pela Suíça e pós-Europa. Depois, de 1974 a 1978, é a Pré-Independência, a Independência, até à sua partida para o tra-



Um dos quatro trabalhos que constituíam «A história da carta no chapéu» — o dia-a-dia passado à pintura (1.ª individual)

balho junto das Aldeias Comuns na provincia de Nampula. Aí permanece até 1980 e nova «maneira» também surge. Depois de 1980 é o Malangatana de hoje.

**ATÉ À «1.ª INDIVIDUAL»
— UMA FASE DE PROCURA**

Procurando ajudar para que todos nós conheçamos melhor este nosso «plástico» que tanto destaca tem tido por esse mundo fora, pareceu-nos boa ideia o apresentar alguns trabalhos de cada fase, procurando acompanhá-los de artigos que tenham surgido nesse altura. Desse modo, até à realização da Retrospectiva, podemos ficar com uma noção do que foram as etapas de Malangatana e do que sobre elas e ele se foi dizendo.

Começemos pois com as obras

até à sua primeira exposição (incluindo-a).

Necessário é dizer desde já que esta é a «fase» escolhida mais arbitrariamente. E mais arbitrariamente porque nela se contém talvez muitas fases. Mas esta divisão surge partindo do princípio de que essas primeiras obras eram ainda a procura de alcançar uma expressão só revelada com a sua primeira exposição individual.

Pertencem pois a esta fase os seus primeiros desenhos ainda em Matalana e aqueles que no seu tempo de folga como «apanha-bolas» no Clube de Lourenço Marques ia fazendo. Aqueles que Augusto Cabral — actual director do Museu de História Natural — ajudou a avançar ao dar-lhe guaches, papel e palavras de incitação.

Também desta fase fazem parte os seus trabalhos no Núcleo de Arte, onde tinha ido parar, por iniciativa do mesmo Augusto Cabral, a um Curso de Pintura que João Ayres filho de «Mestre» Frederico Ayres e pintor ele próprio, ali dava mas a que — talvez felizmente para Malangatana pois não sofreu os embates de um ensino académico que muito discutivelmente o beneficiaria — pouco apreciava.

É ali que Malangatana tem a possibilidade de poder trabalhar com um modelo vivo e ali são feitos os primeiros quadros que expõe em duas «colectivas» — O «1 Salão de Artes Plásticas» e a de «Angariação de Fundos para o Núcleo de Arte».

Deste primeiro aparecimento em público não existem registos escri-



«Pancho» fora viajar. Malangatana «sentiu» assim essa viagem (1.ª individual)

tos. Sabe-se — por recordações do próprio artista — que os outros «pintores indígenas» — como então eram chamados — orientados pelo académico Frederico Ayres, não lhe tinham augurado futuro nenhum. Mas, por outro lado, uma «menção honrosa» foi-lhe atribuída.

É ainda no Núcleo que Malangatana acaba por conhecer o arquitecto «Pancho» Miranda Guedes, aí levado de propósito para tal por uma desenhadora do seu «atelier», activista daquela associação.

E esse encontro permite a Ma-

tura em Moçambique», o jornal «Notícias» recolhia opiniões de vários artistas plásticos que a visitavam. Essas opiniões iam desde o «considerar-se sem categoria para dar opinião» e do paternalismo de vários tons «Como ajudei Malangatana a dar passinhos» (...). Se ele não se deixar ofuscar pelas facilidades e carinho de que tem sido rodeado (...) poderá fazer coisas muito giras (...) pode vir a ser um primitivo com consciência». (Opinião de Fausto Rocha). «Melhorou muito. Sempre teve características iguais mas tem melhorado muito». (Maria da Luz),

Infelizmente a maior parte das primeiras obras de Malangatana desapareceram.

Não se considerando «Um Pintor», este deu-as ou vendeu-as naquela altura e, da maior parte, o seu rasto perdeu-se.

No entanto ainda é possível apreciarem-se algumas que ou estão com o artista, ou na posse de coleccionadores conhecidos.

langatana tornar-se artista «profissional» pois «Pancho» comprou-lhe duas obras por mês o que — embora por preço pouco elevado — é mais do que o ordenado que ele auferia no Clube de Lourenço Marques, agora como chefe de bar.

Surge então a sua primeira exposição individual.

UM PINTOR AUTÊNTICO

Desta, dizia «Pancho» Miranda Guedes na introdução do catálogo: «Pintor natural, completo, nele a composição, a harmonia de cores não é jogo intelectual; acontece-lha tão naturalmente como as histórias e as visões. Ele sabe sem saber (...) ele é visitado por espíritos, certos quadros são alucinações, fragmentos de um inferno que foi de Bosch. (...)»

«Tem um conhecimento profundo das razões subterrâneas dos homens, o que aliado a uma visão formal, produz pintura de uma tonalidade tão rara que apesar de ele ser um principiante é um dos primeiros pintores de África.»

Na notícia de abertura daquilo que o repórter considerava «os trabalhos apresentados por um dos mais extraordinários casos de pin-

até à consciência da força que estavam a encontrar: «Uma exposição deveras original. Deve ser a primeira vez que aparece algo sem qualquer influência, que aparece a coisa como é. Talvez Malangatana seja o único pintor moçambicano» (Fernando Fernandes), ou «Uma grande exposição, de um modo geral gostei dela. Revela um pintor... Pintor autêntico não se esqueça de acrescentar» (Zé Júlio).

Claro, o que o jornal da época não registou — não podia registar, pois para isso existia a Censura colonial-fascista — foram as inúmeras provocações feitas durante o decorrer da exposição. Era natural: era a primeira vez que um negro se atrevia a expor individualmente e sem ser um aluno bem educado de um mestre branco. Nessa altura ainda nem sequer Portugal se intitulava multi-racial. Os colonos não podiam gostar...

E, mais a mais, o aluno não só não era bem comportado como os fazia sentirem-se agredidos por uma força e uma cultura que não era a deles nem lhes pedia licença para existir.

J. N.